

IAN MCEWAN

# Serena

*Tradução*

Caetano W. Galindo



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2012 by Ian McEwan

Proibida a venda em Portugal.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Título original*

Sweet Tooth

*Capa*

Kiko Farkas e Mateus Valadares/ Máquina Estúdio

*Imagem de capa*

Getty Images

*Preparação*

Márcia Copola

*Revisão*

Ana Maria Barbosa

Ana Luiza Couto

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

McEwan, Ian

Serena / Ian McEwan ; tradução Caetano W. Galindo. —  
1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2012.

Título original: Sweet tooth.

ISBN 978-85-359-2121-2

1. Ficção inglesa I. Título.

---

12-05635

CDD-823

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura inglesa 823

[2012]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

# 1.

Meu nome é Serena Frome (a pronúncia é Frum) e há quase quarenta anos fui enviada numa missão secreta do Serviço de Segurança britânico. Eu não voltei em segurança. Um ano e meio depois de entrar fui despedida, depois de ter caído em desgraça e acabado com a vida do meu namorado, embora ele certamente tenha tido um pouco a ver com a sua própria queda.

Não vou perder muito tempo com a minha infância e a minha adolescência. Sou filha de um bispo anglicano e cresci com uma irmã numa catedral de uma cidadezinha linda no leste da Inglaterra. A minha casa era simpática, lustrosa, organizada, cheia de livros. Os meus pais gostavam bastantinho um do outro e me adoravam, e eu a eles. A minha irmã Lucy e eu tínhamos um ano e meio de diferença e, apesar de nós termos passado a adolescência brigando e gritando uma com a outra, isso não deixou grandes cicatrizes e nós ficamos mais próximas na vida adulta. A fé do nosso pai em Deus era uma coisa acomodada e razoável, não se metia muito na nossa vida e foi apenas o suficiente para ele conseguir subir tranquilamente na hierarquia da Igreja e nos

instalar numa confortável casa do período da rainha Anne. A casa dava para um jardim cercado por muralhas de plantas que eram, e ainda são, muito bem conhecidas por quem entende de jardinagem. Então, tudo muito estável, invejável, até idílico. Nós crescemos dentro de um jardim murado, com todos os prazeres e limitações que isso implica.

A segunda metade da década de 1960 mitigou o nosso modo de vida mas não acabou com ele. Eu nunca perdi um só dia de aula na escola local a não ser que estivesse doente. No fim da minha adolescência os muros do jardim viram alguma bolinação, como as pessoas diziam na época, umas tentativas com cigarros, álcool e um pouco de erva, discos de rock, cores mais vivas e relações mais quentes de um modo geral. Com dezessete anos eu e as minhas amigas éramos tímida e encantadamente rebeldes, mas fazíamos a lição de casa, decorávamos e vomitávamos os verbos irregulares, as equações, as motivações de personagens de ficção. Nós gostávamos de nos ver como meninas travessas, mas na verdade éramos bem boazinhas. Aquilo era agradável, aquela empolgação toda que estava no ar em 1969. Era algo inseparável da expectativa de que logo chegaria a hora de sair de casa e ir estudar em outro lugar. Nada de estranho ou terrível aconteceu comigo durante os meus primeiros dezoito anos e é por isso que eu vou pular esse período.

Se dependesse de mim, eu teria escolhido fazer uma faculdadezinha preguiçosa de letras numa universidade provinciana bem ao norte ou a oeste de casa. Eu gostava de ler romances. Eu lia rápido — às vezes dava conta de dois ou três por semana — e fazer isso por três anos teria sido bem a minha cara. Mas naquela época eu era considerada uma aberração — uma menina que por acaso tinha talento para matemática. Eu não tinha interesse no assunto, ele me dava pouco prazer, mas eu gostava de estar por cima, e de chegar no alto sem fazer muita força. Eu sabia as

respostas das perguntas antes até de saber como tinha chegado a elas. Enquanto as minhas amigas faziam esforço e calculavam, eu chegava a uma solução através de uma série de passos lépidos que eram em alguma medida visuais e em alguma medida só uma noção do que ficava bem em cada caso. Era difícil explicar como eu sabia o que eu sabia. Obviamente, uma prova de matemática era muito menos difícil que uma de literatura inglesa. E no meu último ano eu fui capitã da equipe de xadrez da escola. Você precisa fazer um exercício de imaginação histórica para entender o que representava para uma menina, naquela época, viajar para uma escola da vizinhança e derrubar um pirralhinho condescendente e o seu sorrisinho amarelo do poleiro em que ele tinha se encarapitado. Mas matemática e xadrez, além de hóquei, saias pregueadas e canto coral, eu considerava meramente coisas da escola. Achei que estava na hora de largar essas coisas infantis quando comecei a pensar em me matricular na universidade. Mas não levei a minha mãe em consideração.

Ela era a quintessência, ou uma paródia, da esposa de um vigário e depois de um bispo — uma memória formidável para nomes e rostos e para as cismas dos membros da paróquia, um jeito de singrar uma rua da cidade com um lenço Hermès, com modos delicados-mas-firmes com a diarista e o jardineiro. Um charme irrepreensível em qualquer escala social, em qualquer tom. Com que ar de entendedora ela encarava as fumantes inveteradas e enfarruscadas dos conjuntos habitacionais quando elas vinham para o Clube de Mães e Bebês na cripta. Com que entusiasmo ela lia a historinha de véspera de Natal para as crianças dos Barnardo, sentadas aos pés dela na nossa sala de estar. Com que autoridade natural ela pôs o arcebispo de Canterbury à vontade quando ele passou uma vez para tomar um chá e comer uns bolinhos depois de abençoar a fonte restaurada da catedral. Lucy e eu fomos expulsas para o andar de cima enquanto durou a visi-

ta dele. Tudo isso — e essa é que é a parte difícil — combinado com uma total devoção e subordinação à causa do meu pai. Ela era a sua propagandista, a sua criada, a pessoa que facilitava a vida dele a todo momento. Das meias guardadas em caixinhas e da sobrepeliz passada a ferro e pendurada no guarda-roupa ao seu escritório espanado e ao profundíssimo silêncio dos sábados em casa, quando ele estava escrevendo o sermão. A única coisa que ela exigia em troca — palpite meu, é claro — era que ele a amasse ou que, pelo menos, nunca a deixasse.

Mas o que eu não tinha entendido sobre a minha mãe era que enterrada bem fundo, por baixo desse exterior convencional, estava a sementinha resistente do feminismo. Eu tenho certeza de que essa palavra nunca saiu da sua boca, mas não fazia diferença. As certezas dela me assustavam. Ela disse que era meu dever como mulher ir estudar matemática em Cambridge. Como mulher? Naquele tempo, ou no nosso meio social, ninguém, jamais, falava com você nesses termos. Mulher nenhuma fazia algo “como mulher”. Ela me disse que não permitiria que eu desperdiçasse o meu talento. Eu iria brilhar e fazer algo extraordinário. Eu tinha de ter uma carreira de verdade na ciência ou na engenharia ou na economia. Ela se deu o direito de usar o clichê do mundo aos meus pés. Era injusto com a minha irmã o fato de eu ser inteligente e linda e de ela não ser nenhuma dessas coisas. Seria uma injustiça ainda maior se eu deixasse de mirar alto. Eu não entendi muito bem a lógica por trás disso, mas não abri a boca. A minha mãe me disse que jamais me perdoaria e jamais se perdoaria se eu fosse estudar letras e virasse apenas uma versão levemente mais educada da dona de casa que ela era. Eu estava correndo o risco de *jogar a minha vida fora*. Foram as palavras dela, e elas representavam uma confissão. Foi a única vez que ela manifestou ou confessou estar insatisfeita com o seu destino.

Aí ela cooptou o meu pai — “o Bispo” era como a minha irmã e eu o chamávamos. Quando eu cheguei da escola um dia a minha mãe me disse que ele estava esperando por mim no escritório. Com o meu blazer verde e seu brasão heráldico com lema bordado — *Nisi Dominus Vanum* (Sem o Senhor Tudo é em Vão) — eu me arrastei mal-humorada até a poltrona de couro com jeito de clube de senhores enquanto ele presidia a sessão sentado à sua mesa, remexendo em alguns papéis e cantarolando baixinho enquanto punha as ideias em ordem. Eu achei que ele estava ensaiando para mim a parábola dos talentos, mas ele adotou uma linha surpreendentemente prática. Ele tinha feito umas sondagens. Cambridge estava ansiosa por ser vista “abrir seus portões para o mundo moderno da igualdade”. Com o meu fardo de triplo infortúnio — escolinha local, menina, campo de estudo masculino — era certo que eu ia ser aceita. Se, contudo, eu me matriculasse em letras lá (o que jamais foi a minha intenção; o Bispo sempre foi fraco em detalhes), ia ter muito mais dificuldade. Dali a uma semana a minha mãe falou com o diretor da escola. Eles empregaram na tarefa certos professores escolhidos que usaram todos os argumentos dos meus pais além de alguns próprios, e é claro que eu tive que ceder.

Então abandonei a minha ambição de cursar letras em Durham ou Aberystwyth, onde tenho certeza de que teria sido feliz, e acabei indo para o Newnham College, em Cambridge, para aprender na minha primeira aula, que aconteceu no Trinity, o quanto eu era medíocre em matemática. O meu primeiro semestre me deixou deprimida e eu quase abandonei o curso. Uns meninos palermas, sem a bênção de um charme pessoal ou de qualquer outro atributo humano como a empatia e a gramática gerativa, primos mais inteligentes dos bobos que eu tinha destruído no xadrez, ficavam me encarando enquanto eu lutava com conceitos que eles achavam óbvios. “Ah, a serena senhorita

Frome”, um professor exclamava sarcasticamente quando entrava na sala dele toda terça de manhã. “Sereníssima. A de olhos cerúleos! Ó, vinde iluminar-nos!” Era mais do que claro para os meus professores e colegas que eu não podia ter sucesso ali precisamente porque era uma mulher bonita de minissaia, com cabelo louro caindo em cachos pelos ombros. A verdade era que eu não podia ter sucesso ali porque era quase igual ao resto da humanidade — não tão boa assim em matemática, não naquele nível. Fiz o que pude para conseguir uma transferência para letras, inglês ou francês ou até para antropologia, mas ninguém me quis. Naquele tempo as regras eram seguidas à risca. Para encurtar uma história comprida e infeliz, eu baixei a cabeça e no final acabei me formando sem nenhum louvor.

Se eu passei correndo pela minha infância e adolescência, então certamente vou condensar o meu tempo de aluna de graduação. Eu nunca saí para remar, com ou sem um gramofone a corda, nem visitei o espetáculo de revista das Footlights — teatro me deixa sem jeito — nem fui presa nas manifestações da Garden House. Mas eu perdi a virgindade no primeiro semestre, várias vezes seguidas, parecia, já que na época todo mundo adotava um estilo caladão e desajeitado, e tive uma agradável sucessão de namorados, seis ou sete ou oito ao longo dos nove semestres, dependendo das definições de carnalidade que você considera. Eu fiz um punhado de boas amizades entre as mulheres do Newnham. Joguei tênis e li livros. Totalmente graças à minha mãe, eu estava estudando o assunto errado, mas não parei de ler. Eu nunca tinha lido muita poesia ou peças de teatro na escola, mas acho que os romances davam mais prazer a mim que aos meus amigos da universidade, que eram obrigados a suar para dar conta de ensaios semanais sobre *Middlemarch* ou *Feira das vaidades*. Eu passava correndo por esses mesmos livros, jogava conversa fora sobre eles, talvez, se houvesse alguém por ali que



conseguisse tolerar o meu nível básico de discurso, e aí seguia em frente. Ler não era o meu jeito de pensar em matemática. Mais que isso (ou será que eu quero dizer menos?), era o meu jeito de não pensar.

Eu disse que eu era rápida. *The Way We Live Now* em quatro tardes deitada na cama! Eu dava conta de um bloco de texto ou de um parágrafo inteiro num só gole visual. Era questão de deixar os olhos e os pensamentos escorrerem, como cera, para tirar uma impressão fresquinha da página. Para irritação dos que ficavam em torno de mim, eu virava a página de poucos em poucos segundos com um gesto impaciente do pulso. As minhas necessidades eram simples. Eu não prestava muita atenção em temas ou frases especialmente bem resolvidas e pulava belas descrições de clima, paisagens e interiores. Eu queria personagens em que pudesse acreditar, e queria que me deixassem curiosa sobre o que iria acontecer com eles. De maneira geral, eu preferia que as pessoas estivessem ou no começo ou no fim de uma paixão, mas não fazia muita diferença se elas tentavam outras coisas pelo caminho. Era vulgar admitir, mas eu gostava que alguém dissesse “Case comigo” no fim. Os romances sem personagens femininos eram um deserto sem vida. Conrad eu nem levava em consideração, assim como a maioria dos contos de Kipling e Hemingway. E também não me impressionava com reputações. Eu lia tudo que me caísse na frente. Literatura vagabunda, elevada e tudo que ficasse no meio — tudo era tratado da mesma maneira brusca.

Qual é o famoso romance que começa assim? *A temperatura bateu nos trinta e dois graus no dia em que ela chegou*. Não tem impacto? Você não conhece? Eu fiz as minhas amigas que estudavam inglês no Newnham rirem quando disse que *O vale das bonecas* era tão bom quanto qualquer romance de Jane Austen. Elas riram, ficaram me sacaneando meses a fio. E elas não

tinham lido nem uma página da obra de Susann. Mas e daí? Quem é que dava a mínima para as opiniões desinformadas de uma matemática frustrada? Nem eu, nem as minhas amigas. Ao menos nessa medida eu estava livre.

A questão dos meus hábitos de leitura na graduação não é uma digressão. Esses livros me levaram direto à minha carreira na Inteligência. No meu último ano a minha amiga Rona Kemp começou uma revista semanal chamada *?Quis?*. Esses projetos surgiam e sumiam às dúzias, mas o dela estava à frente do seu tempo com aquela mistura de alta e baixa cultura. Poesia e música *pop*, teoria política e fofoca, quartetos de cordas e moda universitária, *nouvelle vague* e futebol. Dez anos depois a fórmula estava por toda parte. Pode não ter sido a intenção de Rona, mas ela esteve entre as primeiras a ver o potencial dessa fórmula. Ela acabou na *Vogue*, passando pelo *Times Literary Supplement* e aí chegando a uma ascensão e queda incendiárias, começando revistas novas em Manhattan e no Rio. O duplo ponto de interrogação nesse primeiro título dela foi uma inovação que ajudou a garantir uma sequência de onze edições. Lembrando do meu período Susann, ela me pediu para escrever uma coluna regular, “O Que Eu Li Semana Passada”. As minhas instruções eram “ser informal e onívora”. Mole! Eu escrevia como falava, normalmente fazendo pouco mais que dar um sumário das tramas dos livros que tinha acabado de devorar, e, numa autoparódia consciente, enfatizava um ou outro veredito ocasional com uma fileira de pontos de exclamação. A minha prosa aliterativa e bobinha descia bem. Numa ou noutra ocasião, gente que eu não conhecia me parou na rua para dizer isso. Até o meu jocoso professor de matemática fez um comentário elogioso. Foi o mais perto que cheguei de sentir o gostinho daquele doce e inebriante elixir que é a fama estudantil.

Eu tinha escrito meia dúzia de textos leves quando alguma

coisa deu errado. Como muitos escritores que obtêm certo sucesso, eu comecei a me levar demasiadamente a sério. Eu era uma menina com gostos desorientados, uma cabeça vazia, no ponto para ser conquistada. Estava esperando, como eles diziam em alguns dos romances que eu andava lendo, que o Homem Ideal aparecesse e me derrubasse. O meu Homem Ideal era um russo severo. Eu descobria um autor e um assunto para a coluna e virava fã. De repente eu tinha um tema, e a missão de convencer os outros. Comecei a me dar o direito de fazer várias revisões dos textos. Em vez de falar direto com a página, eu estava fazendo segundas e depois terceiras versões. Na minha modesta opinião, a minha coluna tinha se tornado um serviço público de vital importância. Acordava no meio da noite para apagar parágrafos inteiros e rabiscar flechinhas e balões pelas páginas. Eu fazia importantes caminhadas. Sabia que o meu encanto popular ia diminuir, mas não dava a mínima. Essa diminuição provava o que eu estava tentando dizer, era o heroico preço que eu tinha que pagar. As pessoas erradas estavam lendo o que eu escrevia. Não dei a mínima quando Rona reclamou. Na verdade, me senti justificada. “Isso não está exatamente informal”, ela disse sem mover um músculo enquanto me devolvia o meu texto uma tarde no Copper Kettle. “Não foi isso que a gente disse que ia fazer.” Ela estava certa. A minha leveza e os meus pontos de exclamação tinham se dissolvido na fúria e na premência que estreitavam os meus interesses e destruíam o meu estilo.

O meu declínio foi precipitado pelos cinquenta minutos que eu passei com *Um dia na vida de Ivan Deníssovitch*, de Alexander Soljenítsin, na nova tradução de Gillon Aitken. Eu peguei o livro assim que acabei o *Octopussy* de Ian Fleming. A transição foi dura. Eu não sabia nada dos campos de trabalho soviéticos e nunca tinha ouvido a palavra “*gulag*”. Tendo crescido numa catedral, o que é que eu sabia dos cruéis absurdos do

comunismo, ou de como homens e mulheres corajosos em lúgubres colônias penais afastadas de tudo eram reduzidos a pensar dia a dia em nada além da sua própria sobrevivência? Centenas de milhares transportados para as estepes siberianas por terem lutado pelo seu país numa terra estrangeira, por terem sido prisioneiros de guerra, por terem irritado um executivo do Partido, por serem executivos do Partido, por usarem óculos, por serem judeus, homossexuais, camponeses donos de uma vaca, poetas. Quem estava denunciando a perda de toda essa parcela da humanidade? Eu nunca tinha me incomodado com política antes. Não sabia nada das discussões e da desilusão de uma geração mais velha que a minha. E também não tinha ouvido falar da “oposição de esquerda”. Além da escola, a minha educação tinha se limitado a um pouco mais de matemática e pilhas de romances em edições baratas. Eu era uma inocente e a minha sensação de ultraje era moral. Eu não usava, e não tinha sequer ouvido, a palavra “totalitarismo”. Eu provavelmente teria pensado que tinha alguma coisa a ver com totalidades. Achava que estava vendo o mundo através de um véu, que estava desbravando novas fronteiras enquanto mandava as minhas mensagens de um *front* obscuro.

Em uma semana eu já tinha lido *O primeiro círculo*, de Soljenítsin. O título vinha de Dante. O seu primeiro círculo do inferno ficava reservado para os filósofos gregos e consistia, a bem da verdade, num agradável *jardim murado* cercado por um sofrimento infernal, um jardim de onde era proibido fugir para entrar no paraíso. Eu cometi o erro do entusiasta, de presumir que todo mundo compartilhava a minha ignorância anterior. A minha coluna virou uma arenga. Será que a presunçosa cidade de Cambridge não sabia o que tinha acontecido, ainda estava acontecendo, a cinco mil quilômetros a leste, será que ela não tinha percebido o dano que aquela utopia fracassada de filas para

comida, roupas horríveis e viagens restritas estava causando ao espírito humano? O que é que se podia fazer?

?*Quis?* tolerou quatro rodadas do meu anticomunismo. Os meus interesses se estenderam até *O zero e o infinito*, de Koesler, *Bend Sinister*, de Nabokov, e aquele belo tratado que é *The Captive Mind*, de Miłosz. Também fui a primeira pessoa do mundo a entender *1984* de Orwell. Mas o meu coração ficava sempre com o meu primeiro amor, Alexander. A testa que se erguia como uma cúpula ortodoxa, a barbinha passa-piolho, a autoridade austera que o *gulag* tinha lhe conferido, a sua teimosa imunidade aos políticos. Nem as convicções religiosas dele conseguiam me deter. Eu o perdoei quando ele disse que o homem tinha esquecido Deus. *Ele* era Deus. Quem podia estar à altura dele? Quem podia lhe negar o prêmio Nobel? Encarando a fotografia dele, eu queria ser a sua namorada. Eu teria sido uma criada dele como a minha mãe foi do meu pai. Guardar as minhas dele? Eu teria caído de joelhos para lavar os pés daquele homem. Com a língua!

Naquele tempo, martelar as iniquidades do sistema soviético era coisa rotineira para os políticos do Ocidente e os editoriais de quase todos os jornais. No contexto da vida e da política estudantil, era só um tantinho de mau gosto. Se a CIA estava contra o comunismo, devia ter alguma coisa boa no regime. Certas seções do Partido Trabalhista ainda tinham algum amor pelos monstros de cara quadrada lá no Kremlin e pelo seu projetinho macabro, ainda cantavam a *Internacional* na conferência anual, ainda mandavam estudantes em programas de intercâmbio. Nos anos de pensamento binário da Guerra Fria não era possível você se ver concordando sobre a União Soviética com um presidente americano que estava em guerra no Vietnã. Mas naquele chá no Copper Kettle, Rona, sempre tão educadinha, tão perfumada, tão precisa, disse que não era a política da minha coluna que

estava incomodando. O meu pecado era ser franca. A próxima edição da revista dela não tinha mais o meu texto. O meu espaço foi ocupado por uma entrevista com a Incrível Banda de Cordas. E aí a *Quis?* fechou.

Poucos dias depois da minha demissão eu comecei uma fase Colette, que me consumiu vários meses. E eu tinha outras preocupações urgentes. As provas finais aconteceriam dali a poucas semanas e eu estava de namorado novo, um historiador chamado Jeremy Mott. Ele era de um tipinho antiquado — esguio, nariz comprido, com um pomo de adão exagerado. Era descabelado, inteligente sem ser pretensioso, e extremamente educado. Eu tinha notado vários caras como ele por ali. Eles pareciam ser todos descendentes de uma mesma família e ter vindo de escolas de qualidade do norte da Inglaterra, onde recebiam as mesmas roupas. Eram os últimos homens da Terra que ainda usavam paletós de *tweed* Harris com couro nos cotovelos e debrum nos punhos. Fiquei sabendo, não pelo Jeremy, que achavam que ele ia se formar com louvor e distinção e que ele já tinha publicado um artigo numa revista acadêmica de estudos do século XVI.

Ele acabou se revelando um amante delicado e atento, apesar de ter um ossinho infeliz e pontudo no púbis que na primeira vez doeu demais. Ele pediu desculpas, como quem pede desculpas por um parente doido mas distante. Ou seja, não ficou particularmente constrangido. Nós resolvemos a questão fazendo amor com uma toalha dobrada entre nós, um paliativo que eu senti que ele já tinha usado antes. Ele era atencioso e competente de verdade, e eu podia ficar naquilo o quanto quisesse, e mais ainda, até não conseguir aguentar mais. Mas os orgasmos dele eram difíceis, apesar dos meus esforços, e eu comecei a suspeitar que havia alguma coisa que ele queria que eu dissesse ou fizesse.

Ele não me dizia o que era. Ou melhor, ele insistia que não havia nada. Não acreditei nele. Queria que ele tivesse um desejo secreto e vergonhoso que só eu pudesse satisfazer. Queria fazer esse homem altivo e cortês ser todo meu. Será que ele queria me dar um tapa no traseiro, ou que eu desse uns tapas no dele? Será que ele queria vestir as minhas calcinhas? Esse mistério me obcecava quando eu estava longe dele, e tornava ainda mais difícil parar de pensar nele quando eu devia estar me concentrando na matemática. Colette era a minha fuga.

Uma tarde, no começo de abril, depois de uma sessão com a toalhinha dobrada no quarto de Jeremy, nós estávamos atravessando a rua perto do Corn Exchange, eu numa nuvem de felicidade e com alguma dor derivada disso, por causa de um músculo distendido nas costas, e ele — bom, eu não sabia direito. Enquanto nós andávamos eu estava pensando se devia tocar naquele assunto de novo. Ele estava um amor, com o braço largado pesando nos meus ombros enquanto me falava do seu ensaio sobre a Câmara Estrelada. Eu estava convencida de que ele não estava plenamente realizado. Eu achava que dava para perceber isso na tensão da voz dele, naquele passo nervoso. Depois de dias fazendo amor ele não tinha recebido a bênção de um único orgasmo. Eu queria ajudar, e estava curiosa de verdade. Também estava torturada pela ideia de que podia estar deixando ele na mão. Ele se excitava comigo, até aí estava claro, mas talvez não me desejasse o bastante. Nós passamos pelo Corn Exchange no friozinho do crepúsculo de uma primavera úmida, com o braço do meu namorado em volta de mim como uma estola de pele de raposa e a minha felicidade vagamente comprometida por uma pontadinha nas costas e só um pouco mais comprometida pelo enigma dos desejos de Jeremy.

De repente, de uma ruela lateral, apareceu na nossa frente sob a inadequada luz dos postes o orientador de Jeremy, Tony

Canning. Quando nós fomos apresentados, ele apertou a minha mão e ficou segurando tempo demais, eu achei. Ele estava com cinquenta e poucos anos — mais ou menos a idade do meu pai — e eu sabia só o que o Jeremy tinha me contado. Ele era professor, era um antigo amigo do secretário do Interior, Reggie Maudling, que tinha vindo jantar na universidade. Os dois homens tinham rompido numa noite de bebedeira, por causa da política de detenções sem julgamento na Irlanda do Norte. O professor Canning tinha sido presidente de uma Comissão de Sítios Históricos, era membro de vários conselhos, inclusive do British Museum, e tinha escrito um livro muito elogiado sobre o Congresso de Viena.

Ele pertencia aos bons e grandes, um tipo que me era vagamente familiar. Homens como ele passavam pela nossa casa para fazer uma visita ao Bispo de vez em quando. É claro que eram irritantes para qualquer um abaixo dos vinte e cinco anos naquele período pós-anos 1960, mas eu até que gostava deles. Eles podiam ser muito encantadores, e até espirituosos, e o rastro que deixavam, de charutos e *brandy*, fazia o mundo parecer organizado e rico. Eles se tinham em alta conta, mas não pareciam desonestos, e tinham, ou davam a impressão de ter, uma vigorosa noção de dever público. Levavam a sério os seus prazeres (vinho, comida, pesca, *bridge* etc.) e aparentemente alguns deles tinham participado de uma guerra interessante. Eu tinha lembranças de Natais da minha infância em que um ou dois deles deram uma nota de dez xelins para mim e para a minha irmã. Tudo bem que esses sujeitos controlassem o mundo. Tinha gente muito pior.

Canning tinha modos grandiosos algo contidos, talvez para combinar com os seus modestos papéis públicos. Eu percebi o cabelo ondulado, delicadamente repartido, e lábios carnudos úmidos e uma fendinha no meio do queixo, que eu achei bonitinha



porque dava para ver, até com aquela luz ruim, que ele tinha dificuldade para fazer a barba direito. Uns pelos escuros ingovernáveis se projetavam do sulco vertical na pele. Era um homem bonito.

Quando as apresentações acabaram, Canning me fez algumas perguntas, sobre mim. Eram coisas educadas e bem inocentes — sobre o meu curso, Newnham, o diretor, que era grande amigo dele, a minha cidade, a catedral. Jeremy entrou na conversa com umas amenidades e aí Canning também o interrompeu para agradecer por ele ter mostrado os meus últimos três artigos na *?Quis?*.

Ele se voltou novamente para mim. “Uns textinhos excelentes. Você tem talento, querida. Você quer entrar para a imprensa?”

A *?Quis?* era um pasquim de estudantes, que não pretendia ser lido por gente séria. Fiquei agradecida pelas palavras generosas, mas era novinha demais para saber aceitar um elogio. Resmunguei alguma coisa modesta, mas pareceu que eu não estava levando aquilo a sério, e aí eu tentei me corrigir de um jeito meio atabalhoado e fiquei toda afobada. O professor ficou com pena de mim e nos convidou para um chá e nós aceitamos, ou Jeremy aceitou. E assim nós fomos atrás de Canning, voltando pelo mercado, na direção da faculdade em que ele trabalhava.

Os aposentos dele eram menores, mais encardidos e mais caóticos do que eu esperava, e fiquei surpresa ao ver ele fazer tudo errado com o chá, mal enxaguando as canecas lascadas e manchadas de marrom e derramando a água quente de uma chaleira elétrica imunda em cima dos livros e dos papéis. Ele sentou atrás da escrivaninha, nós sentamos em poltronas e ele continuou a fazer perguntas. Parecia um encontro de orientação acadêmica. Agora que eu estava roendo os seus biscoitinhos de chocolate Fortnum & Mason, me sentia obrigada a responder em mais detalhes. O Jeremy estava me encorajando, balançando a cabeça

que nem um bobo com tudo que eu dizia. O professor perguntou dos meus pais, e de como tinha sido crescer “à sombra de uma catedral” — eu disse, espirituosamente, eu achei, que não havia sombra porque a catedral ficava ao norte da nossa casa. Os dois homens riram e eu fiquei pensando se a minha piada tinha insinuado mais do que eu tinha entendido. Nós passamos às armas nucleares e às propostas do Partido Trabalhista, de um desarmamento unilateral. Fiquei repetindo uma frase que eu li em algum lugar — depois percebi que era um clichê. Depois de solto é impossível “botar o gênio de volta na garrafa”. As armas nucleares teriam de ser gerenciadas, e não proibidas. Fim do idealismo da juventude. A bem da verdade, eu não tinha grandes opiniões a respeito. Em outro contexto, teria falado a favor do desarmamento nuclear. Teria negado, mas estava tentando agradar, dar as respostas certas, ser interessante. Gostava do jeito de Tony Canning se inclinar para a frente quando eu falava, o seu sorrisinho de aprovação me encorajava, esticando mas sem chegar a separar direito aqueles lábios carnudos, e aquele jeito de dizer “Sei” ou “É isso mesmo...” toda vez que eu fazia uma pausa.

Talvez devesse ter sido óbvio para mim onde aquilo tudo ia acabar. Num mundinho minúsculo e fechado de jornalismo estudiantil, eu tinha me anunciado como soldado estagiário da Guerra Fria. Agora deve parecer óbvio. Afinal de contas, era Cambridge. Senão, por que eu estaria contando sobre essa reunião? Na época o encontro não teve significado algum para mim. Nós estávamos a caminho da livraria e acabamos tomando um chá com o orientador de Jeremy. Nada de muito estranho nisso. Os métodos de recrutamento naqueles dias estavam mudando, mas só um pouquinho. O mundo ocidental podia estar em constante transformação, os jovens podiam achar que tinham descoberto um jeito novo de conversar, as pessoas diziam que as velhas barreiras estavam desmoronando. Mas a famosa “conversa ao pé do

ouvido” ainda era empregada, talvez com uma frequência menor, talvez com uma pressão menor. No contexto universitário certos catedráticos continuavam procurando material promissor e passando nomes para futuras entrevistas. Certos candidatos aprovados nos exames para o funcionalismo ainda eram chamados a um canto para dizerem se por acaso já tinham pensado em “outro” departamento. Em geral as pessoas recebiam uma proposta discreta depois de estarem há alguns anos na vida profissional. Ninguém precisava dizer com todas as letras, mas o passado continuava sendo importante, e ter o Bispo no meu não era uma desvantagem. Já se comentou muitas vezes o quanto demorou para que os casos de Burgess, Maclean e Philby derrubassem a ideia de que certas classes de indivíduos tinham mais chance de serem leais ao seu país que as outras. Nos anos 1970 essas famosas traições ainda ecoavam, mas os velhos métodos de recrutamento estavam firmes.

Em geral, tanto a conversa quanto o ouvido eram de homens. Não era normal que uma mulher fosse abordada dessa maneira conhecidíssima e tradicionalíssima. E embora fosse absolutamente verdade que Tony Canning acabou me recrutando para o MI5, os motivos dele eram complicados e ele não tinha nenhuma sanção oficial. Se o fato de eu ser nova e atraente era importante para ele, demorou um pouco para que todo o *páthos* dessa situação se revelasse. (Agora que o espelho já conta uma história diferente, eu posso dizer de uma vez. Eu era bonita *mesmo*. Mais que isso. Como o Jeremy escreveu numa rara carta mais efusiva, eu era “até bem linda. Na verdade, estupenda”.) Nem os figurões de barba grisalha no quinto andar, com quem eu nunca falei e a quem raramente vi no meu breve período na Inteligência, tinham ideia do motivo de eu ter sido enviada a eles. Eles tinham os seus palpites, mas nunca iriam imaginar que o professor Canning, ele mesmo um ex-membro do MI5,

achava que estava lhes dando um presente, num espírito de expiação. O caso dele era mais complexo e mais triste do que qualquer um sabia. Ele ia mudar a minha vida e agir com generosa crueldade enquanto se preparava para embarcar numa jornada que não tinha esperança de volta. Se sei tão pouco ainda hoje sobre ele é porque o acompanhei apenas num trecho muito curto do caminho.